

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA E A RELEVÂNCIA SOCIAL DA ESCRITA

REFLECTIONS ABOUT THE HISTORY AND SOCIAL RELEVANCE OF WRITING

Gilson Luiz Rodrigues Souza¹

Rogéria Ângela de Freitas Oliveira²

Valéria Regina Alves³

RESUMO

O presente estudo procura trazer aos professores e interessados uma breve história da escrita, sua importância e relevância social. Valendo-se de uma pesquisa essencialmente biográfica, acrescida de reflexões autorais, o trabalho aborda os temas: História da Escrita, Suportes, Escrita Alfabética, em Braille e Digital. O presente artigo norteia-se pela necessidade do ser humano em se expressar, e na mudança no modo de pensar e de viver da sociedade, entendendo que a escrita permite a expansão e preservação da memória, o contato com fatos passados e com as experiências alheias e, por fim, oportuniza a reflexão, a aprendizagem, a concordância e a discordância.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; História da Escrita; Suportes e Formas; Relevância Social.

ABSTRACT

This study seeks to bring interested teachers and a brief history of writing, its importance and social relevance. Drawing on an essentially biographical research, plus photos of reflections, the paper addresses the following topics: History of Writing, Media, Alphabetical, in Braille and Digital Writing. This article is guided by the need of human beings to express themselves and the change in thinking and living in society, understanding that writing allows for expansion and preservation of memory, the past events and contact with others' experience and finally, nurture reflection, learning, agreement and disagreement.

KEYWORDS: Writing; History of Writing; Supports and Forms; Social Relevance.

¹ Mestrando em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA; mestrado inconcluso em Educação pela Universidade de Itaúna. Especialista em Gestão Educacional: Coordenação, Supervisão e Direção Pedagógica e em Gestão de Pessoas e Gerenciamento Empresarial pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo; Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba e em História pelo Centro Universitário Newton Paiva. Professor da Rede Pública de Ensino, desde 1995, ministrando as disciplinas de História e Geografia. Professor e Coordenador do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8435741689596078>.

² Especialista em Gestão Educacional e licenciada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo.

³ Especialista em Gestão Educacional e licenciada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Curso de Magistério pela Escola Estadual São Pio X. Professora da Rede Pública e Privada, atuando na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3060078908232109>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 03 Páginas 24-40
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O aprendizado pressupõe o tácito conhecimento com o metamorfoseamento do ser humano a partir de pequenas ações como se desenvolvem na leitura e na escrita. É a partir deste pressuposto que passa a configurar, na vida da sociedade, a formatação de um perfil idealizado para a construção do que chamamos de conhecimento.

Mulheres e Homens, somos os únicos seres que social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p.77)

Ao longo de toda a História da Humanidade, o ato de ler e escrever desempenhou um importante papel político e social na formação das sociedades. As pessoas, que dominavam essas técnicas, exerciam uma função de poder sobre os demais, que eram tidos como analfabetos.

Em função da complexificação da sociedade humana e, conseqüentemente, o aumento das atividades comerciais, a escrita emerge da necessidade de se comunicar e se torna um poderoso instrumento de demonstração deste processo, tecendo as redes do *Homo sapiens*, que vai então criar uma transmissão e perpetuação de conhecimentos, facilitando a interação social.

A escrita evolui, portanto, para poder responder a uma necessidade humana, de desvendar novos horizontes, explorar territórios alheios, impulsionado uma interação de descoberta. A evolução começa pelo próprio ser humano, ele sonha com outras formas de comunicação que o aproxime mais facilmente de outras culturas, divulgando o saber, com maior rapidez e amplitude. Ele começa a aperfeiçoar os meios de que dispunha para diminuir a distância e o tempo.

É, neste contexto, que surgem sociedades que, por motivos diversos, não desejam mais ser nômades. A própria conjuntura não mais permite aquela organização social, que se valia de uma linguagem *simples*. Sedentas pelas transformações naturais e artificiais de que dispunham, nos quais não têm como sobreviver sem o auxílio constante do até então perdido, o passado. Seu desejo já é

de avançar, transformar o presente e o futuro, em um processo de constante transformação.

O surgimento da escrita marca o início do registro da História, pois é a memória de um povo, de uma cultura e, sob esse aspecto, a precisa vencer a barreira do tempo. Ela é uma das maiores conquistas da humanidade, e o ser humano não deixaria de ser parte nesse instrumento que passa a ser a preservação das culturas.

A escrita foi e é o principal instrumento na perpetuação da história. Conhecer o alfabeto, hoje, não significa apenas conhecer as letras e, sim, entendermos a evolução da própria escrita. Seja ela em códigos, ritos, registros ou desenhos, é através dela e por ela, que se expressa e eterniza as nossas ideias, os nossos sentimentos, levando ao conhecimento de outros seres humanos e de outros grupos da sociedade. É, assim, que se transmite a cultura e as atitudes a outros.

Sobre a escrita Pierre Lèvy (2007, p. 17) afirma: “essa técnica possibilitou um acréscimo de eficácia da comunicação e da organização dos grupos humanos bem mais importantes que o permitido pela fala”.

As transformações da escrita não estagnaram e nem chegaram ao seu limite. Evoluir é necessário e o ser humano é o único ser que planeja (MARX, 2000, p. 211-212)⁴, então, ele não se satisfará com o que alcançou até hoje. Como a evolução do universo, a de cada ser humano se dá na inter-relação com o outrem, ela depende desse contato com a diversidade.

Com a escrita, as pessoas expandem e preservam sua memória, pois ao ler, se revivem fatos passados e se entra em contato com as experiências dos outros, de modo que, sobre todos eles podemos refletir e aprender, concordar ou discordar.

⁴ “Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 2000, p. 211-212).

2 – A HISTÓRIA DA ESCRITA

Um dos períodos mais fascinante da história humana é a Pré-história, não foi registrado por nenhum documento escrito, pois é exatamente a época anterior ao desenvolvimento desta técnica. Tudo o que se sabe das pessoas que viveram nesse tempo é resultado da pesquisa de antropólogos, historiadores e dos estudos da moderna ciência arqueológica, que reconstituíram a cultura dessa época.

Em rochas e cavernas, os povos pré-históricos fizeram entalhes e gravuras, também traçaram desenhos e pinturas que são chamados de *arte rupestre*. (GUTHRIE, 2005).

Assim como os fósseis incrustados nas rochas, revelam as idades dos seres vivos antes do aparecimento do Ser Humano sobre a terra, os desenhos de vários animais feitos pelos representantes do grupo Cro-Magnon⁵ nas paredes de suas cavernas, testemunhavam o contato desses com a natureza: ressaltam suas proezas face a animais que ameaçavam suas vidas e mostram suas atividades normais para a obtenção de alimentos, bem como de cobertura para os seus corpos.

Aproximadamente 30.000 anos antes de Cristo apareceram as primeiras manifestações desta arte, caracterizadas por gravuras muito toscas, decalques de mãos ou estas cercadas de cores aplicadas nas paredes das cavernas, representações lineares feitas com os dedos sujos de argila. As pessoas do Paleolítico, entre 40.000 e 10.000 a.C., (GUTHRIE, 2005, Prefácio, p. VIII) fizeram muito mais do que simplesmente sobreviver, suas pinturas de grandes animais são vestígios importantes de atividade cultural.

Ao se reconhecer que esses desenhos e pinturas eram de fato pré-históricos, começaram a surgir as primeiras explicações sobre as imagens na pedra. Em primeiro lugar, falou-se de arte pela arte: as pessoas teriam sido levadas a pintar por um sentimento natural do belo. Depois, sugeriu-se que os moradores dessas cavernas tinham práticas mágicas: os desenhos serviriam para assegurar o sucesso da caça.

⁵ Expressão de origem francesa, significa “caverna grande” e se refere a um grupo que viveu na região onde hoje é a França, tendo deixado valiosa contribuição arqueológica. (GUTHRIE, 2005, p. 24).

O homem Paleolítico deixou-nos belíssimas representações nas paredes das cavernas e objetos decorados com fino senso artístico. O cuidado com os mortos, já comum entre os homens de Neanderthal, é enriquecido com símbolos, isto é, sinais com significados, que remetem a uma vida futura. (...) Ele recorre a sinais que não atendem apenas as necessidades básicas, como os animais. O homem inventa sinais, sons e gestos de um valor simbólico porque remetem alguns significados. Esses sinais podem ir além das necessidades de sobrevivência (arte, religião). O elevado nível cultural desse homem já moderno explica seu sucesso e sua difusão por todo o planeta, com uma ampla variedade de expressões, mas sempre um único ímpeto criativo. (FACCHINI, 1997, p.36).

Na Pré-História, o homem buscou comunicar-se através de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Utilizando este padrão de representação (pintura rupestre), trocavam mensagens, passavam idéias e transmitiam desejos e necessidades. Porém, ainda não era um tipo de escrita, apesar de ser uma forma necessária de comunicação, pois não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas.

Foi somente na antiga Mesopotâmia que a escrita foi elaborada. Por volta de 4000 a.C, os sumérios desenvolveram uma técnica denominada *cuneiforme*, utilizando placas de barro como suporte. (MARTINS, 1996; BOWMAN & WOOLF, 1998.)

Muito do que se sabe hoje sobre este período da história, deve-se às placas de argila com registros do cotidiano, administrativos, econômicos e políticos da época.

Os sumérios parecem ter sido os primeiros a desenvolver o sistema de escrita. Cada símbolo inicialmente significava uma palavra. O desenho de uma cabeça significava “cabeça”; um galho de cereal significava “cereal” ou “grão de cereal”. Com o tempo isso foi mudando e ficando cada vez mais sofisticado. Quem desejasse ler e escrever, teria de decorar centenas e até mesmo milhares de símbolos diferentes. Isso significa que os letrados eram uma minoria, normalmente funcionários do rei. A escrita teve assim um importante papel como meio de comunicação. (MARTINS, 1996; BOWMAN & WOOLF, 1998.)

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 03 Páginas 24-40
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Os egípcios antigos também desenvolveram a escrita quase na mesma época em que os sumérios. Existiam duas formas de escrita no Antigo Egito: a demótica (mais simplificada) e a hieroglífica (mais complexa e formada por desenhos e símbolos).

As paredes internas das pirâmides eram repletas de textos que falavam sobre a vida do faraó, rezas e mensagens para espantar possíveis saqueadores. Além disso, a parede trazia também textos para ajudar o faraó, quando voltasse receberia informações através da escrita. Uma espécie de papel chamada papiro, que era produzida a partir de uma planta de mesmo nome, também era utilizado para escrever.

Foram consideradas por muito tempo como *línguas mortas*. Decifrá-las foi uma tarefa difícil e lenta. Algumas inscrições feitas em mais de uma língua ajudaram muito. Em alguns rochedos foi encontrado o mesmo texto escrito em persa antigo, elamita e acadiano. A comparação facilitou o trabalho. (MARTINS, 1996; BOWMAN & WOOLF, 1998.)

Os escrivães profissionais, ou seja, escribas, estavam entre os poucos que sabiam ler, escrever e contar. Ele era o responsável pela cobrança dos impostos, classificação dos valores de todas as propriedades, contagem do número de trabalhadores do reino, organização das leis, fiscalização das atividades econômicas e por outras funções públicas.

O alfabeto fenício foi o primeiro a ser usado em 1.500 a.C., revolucionou a escrita, tornando muito mais fácil ler e escrever, ampliando, portanto as oportunidades literárias. Essa é uma invenção que parece ter ocorrido somente uma vez na história humana. Todos os alfabetos em seu uso, nos dias atuais, descendem daquele primeiro alfabeto fenício. A necessidade comercial dos fenícios fez com que inventassem um sistema de escrita mais simples. Essa é uma invenção que parece ter ocorrido de forma ímpar na história. (MARTINS, 1996; BOWMAN & WOOLF, 1998.)

Já na Roma Antiga, o alfabeto possuía somente letras maiúsculas. Contudo, na época em que essas começaram a ser escritas nos pergaminhos, com auxílio de hastes de bambu ou penas de patos e outras aves, ocorreu uma

modificação em sua forma original e, posteriormente, criou-se um novo estilo de escrita denominado uncial, com letra arredondas, prenunciado a escrita minúscula. O novo estilo resistiu até o século VIII e foi utilizado na escritura de Bíblias. (MARTINS, 1996; BOWMAN & WOOLF, 1998.)

Na Alta Idade Média, no século VIII, Alcuíno, um monge inglês, elaborou outro estilo de alfabeto atendendo ao pedido do imperador Carlos Magno. Contudo, este novo estilo possuía letras maiúsculas e minúsculas.

Com o passar do tempo, esta forma de escrita também se modificou, tomando-se complexa para leitura. Contudo, no século XV, alguns eruditos italianos, incomodados com este estilo complexo, criaram um novo estilo de escrita.

No ano de 1522, um italiano, chamado Lodovico Arrighi, tornou-se responsável pela publicação do primeiro caderno de caligrafia. Foi ele quem deu origem ao estilo, que hoje denomina-se, itálico.

Com o passar do tempo outros cadernos também foram impressos, tendo seus tipos gravados em chapas de cobre, foi deste processo que se originou a designação de escrita calcográfica. (MARTINS, 1996; BOWMAN & WOOLF, 1998; SPINELLI, 1997, p. 13-19)

Diante do exposto pode-se concluir que a escrita não é recente, ela surgiu há milhões de anos. Os povos da Pré-história não tinham uma escrita alfabética, mas tinham várias formas de registrar, comunicar e conhecer através de gestos, sinais, marcas e desenhos, feitos em barro, madeira, cavernas, pedras, utensílios entre outros.

Ao passar do tempo, todas as civilizações se viram na necessidade de registrar suas ações do cotidiano, como as conquistas, festas, rituais etc. A escrita, cada vez mais, tornou-se uma necessidade. Por isso, passaram a criar símbolos para representar as coisas e, aos poucos, estes sofreram modificações e ganharam sons, originou-se, assim, um alfabeto.

A escrita foi um dos principais instrumentos para a grande evolução da humanidade. Sabe-se de sua importância e contribuição dela, no entanto, deve-se observar o aspecto negativo na progressão das necessidades durante os séculos.

A escrita foi e é responsável pela ambição e desigualdade social do Planeta, pois através dela criaram-se leis e normas, e, nesse contexto, criou-se também o mundo dos que têm domínio da escrita, os quais desvalorizavam as pessoas que não a dominam e o mundo dos “analfabetos”, ou daqueles que dominam apenas a linguagem da comunidade em que vivem, mas essa é desvalorizada e, às vezes, extinta pela influência da escrita alfabética, dominante.

Assim sendo, a escrita surgiu da necessidade do homem de se expressar tomando-se o mais poderoso instrumento de evolução pela transmissão e perpetuação dos conhecimentos, bem como facilitador da comunicação, agindo principalmente na melhoria do desempenho na articulação dos meios produtivos relacionados ao setor comercial.

3 – OS SUPORTES DA ESCRITA

Desde os primeiros tempos, o homem procurou registrar suas impressões sobre o mundo, no interior das cavernas, utilizando para isso pedra, materiais inorgânicos e orgânicos à base de tintas vegetais e minerais.

Na Antiguidade, o homem experimentou outros suportes encontrados na natureza como forma de registrar a visualidade ou a escrita, como a argila, ossos, conchas, marfim, folhas de palmeiras, bambu, metal, cascas de árvores, madeira, couro, papiro, velino, pergaminho, seda e, finalmente, o papel.

O papiro é uma planta-aquática, cujo talo era cortado na parte interior onde se encontravam as fibras, muito resistentes e flexíveis e que unidas em lâminas, serviam de superfície própria para escrever. Essa planta era encontrada às margens do rio Nilo, no Egito, e representou para os egípcios o suporte da escrita hieroglífica, veículo de transmissão do conhecimento e da sensibilidade da época.

O papiro atravessou séculos, levando a cultura do Egito a outros povos, copiada até pelos gregos e romanos, por isso permitiu não só a preservação da memória cultural, mas serviu também de testemunho da história dos materiais usados pelo ser humano. (MARTINS, 1996; BOWMAN & WOOLF, 1998.)

Diante da escassez e do alto custo do papiro, os persas, em Pérgamo, na Ásia Menor, passaram a substituí-lo pelo velino e pelo pergaminho. Ambos são peles de animais (não nascidos, como os fetos, ou os muito jovens), as quais recebiam um tratamento específico de raspagem, banhos de soda e secagem em bastidores, o que lhes conferiam propriedade alcalina e boa durabilidade, características para torná-los flexíveis e apropriados para a escrita. Graças a estes suportes, a história dos povos pôde ser conservada, estudada, pesquisada, resgatada e difundida no mundo inteiro.

Até o séc. II d.C., na China, a seda era o material mais usado para registrar a escrita, mas devido ao seu alto custo, um chinês chamado Tsai Lun, mandarino do palácio do imperador Ho, em 105 d.C. revolucionou o curso da história, ao inventar um material fabricado inicialmente de fibras têxteis (seda, rami e cânhamo), que misturadas à água e cola vegetal formavam a folha de papel, depois de eliminado o excesso de água sobre um bastidor de seda e bambu. Usado inicialmente em cerimônias religiosas devido ao seu valor sagrado, o papel tornou-se, durante cinco séculos, propriedade exclusiva dos chineses.

Através do Budismo, o papel chegou à Coréia, no séc. VI e, no Japão, no séc. VII. O papel japonês passou a ser fabricado com fibras das amoreiras (árvore preferida pelo bicho da seda para o fabrico da seda chinesa), com qualidade mais sofisticada que o papel fabricado pelos precursores, sendo muito apreciado pelos restauradores do mundo todo, até hoje. (SPINELLI, 1997, p. 13-19)

Com a expansão comercial, os chineses chegaram ao Oriente Médio, em Samarkand, no séc. VIII, onde caíram prisioneiros dos árabes. Dadas as circunstâncias impostas, os chineses foram obrigados a ensinar aos árabes o segredo da técnica de fabricação do papel. Como não era encontradas na região a mesma matéria-prima usada na China, o papel árabe começou a ser feito de trapos: roupas usadas de linho e de algodão, que permitiram a obtenção de papéis mais grossos que os papéis chineses e japoneses, com fibras longas, garantindo-lhes mais resistência.

Do séc. VIII ao séc. X, os árabes dominaram o monopólio da fabricação do papel de trapo no Oriente, em diversas regiões como Damasco, Bagdá, Egito e

depois em Marrocos. Como bons mercadores, atravessaram o Mediterrâneo para exportar papel para a Europa, em 1109, na Sicília, e em 1223, em Veneza.

O papel começou a ser fabricado pela primeira vez na Europa, em 1150, em Játiva, na Espanha, depois em Valência. Em 1228, o papel foi fabricado em Fabriano na Itália, em 1338, na França, em 1312, na Alemanha. Com isso, no séc. XIV, o papel substituiu o pergaminho na Europa, que o utilizava para produzir livros manuscritos e com iluminuras. (MARTINS, 1996; SPINELLI, 1997, p. 13-19)

A invenção da imprensa por Gutenberg, com os tipos móveis, na Alemanha no séc. XV, representou foi um grande evento para a humanidade: da produção manuscrita aos livros impressos. O que representou um aumento considerável da produção artística e intelectual na Europa, ao mesmo tempo, uma expansão maior da fabricação do papel. (BURKE, 2002)

Do séc. XIV ao séc. XVII todo o papel fabricado na Europa foi feito de pasta de trapos e, com a escassez desta matéria-prima, experiências foram feitas no sentido de tentar fabricar com outras matérias. Na Inglaterra, em 1719, e na Alemanha, em 1765, conseguiram trabalhar com outros materiais, como por exemplo, ripas de madeira, palha e casca de árvores. Em 1845, o alemão Godofredo Keller conseguiu fazer o papel de pasta de madeira. O grande problema da qualidade do papel começa exatamente a partir desta mudança e com novas tecnologias introduzidas para fabricar papel de modo industrial. (MARTINS, 1996)

Devido à presença de substâncias ácidas, como a lignina (polímero encontrado na celulose), à encolagem (impermeabilização com colas especiais), às cargas químicas, e por ser de fibras mais curtas, o papel de pasta de madeira passou a apresentar problemas de amarelecimento e, conseqüentemente, de envelhecimento, comprometendo assim a qualidade dele. Por esta razão, os papéis modernos fabricados a partir de 1850 estavam fadados ao desaparecimento, enquanto que os papéis de trapo duravam muito mais tempo, porque são de fibras longas e não contêm substâncias nocivas. (SPINELLI, 1997, p. 13-19)

Para os conservadores e restauradores, que sabem da fragilidade do papel, aumenta ainda mais a responsabilidade diante deste imenso patrimônio escrito, legado de nossos antepassados, assim como exige uma tomada de

consciência por parte de todos que respeitam os bens culturais da humanidade. De sua invenção até os dias de hoje, são dezenove séculos em que os povos do mundo oriental e ocidental utilizaram e utilizam o suporte do papel para difundir os segredos da Arte, da História e da Cultura.

4 – ESCRITA ALFABÉTICA

A escrita, até chegar aos sistemas alfabéticos atualmente utilizados, passou por um longo processo de evolução, com inúmeras mudanças e transformações.

O sistema alfabético diferencia-se dos outros, porque é um signo puro e não um objeto do mundo, pois ele não se refere a nada concreto, como nos sistemas pictográficos. Entre os diversos sistemas inventados e suas variadas evoluções, permitiu ao homem fixar as formas orais no tempo e no espaço.

Esse sistema proporcionou uma drástica redução do número de signos em relação às demais escritas: a cuneiforme tem em torno de 600 e a chinesa, milhares.

A escrita passou por um longo processo de evolução, até chegar nos sistemas alfabéticos utilizados atualmente: o sistema de escrita ideográfica foi gradualmente direcionado para o fonetismo (sistema onde as palavras passaram a ser decompostas em unidades sonoras), aproximando a escrita de sua função básica que é a de interpretar a língua falada.

Durante essa transformação, o ser humano percebeu que ao decompor o som das palavras, essas se reduziam a unidades justapostas, mais ou menos independente umas das outras e, nitidamente, diferenciáveis. Surgem, então, dois tipos de escrita: a silábica: fundamentada em grupos de sons e a alfabética: cada sinal corresponde a uma letra.

Mas, foi a partir da criação do alfabeto fenício (constituído por vinte e dois signos que permitiam escrever qualquer palavra), que a escrita alfabética se expandiu. Amplamente divulgado pelo mundo antigo, inspirou outros povos a criar seus próprios alfabetos, como os gregos, que aperfeiçoaram e ampliaram essa

escrita, a qual passou a ser composta por vinte e quatro letras, divididas em vogais e consoantes. (MARTINS, 1996; SPINELLI, 1997; BOWMAN & WOOLF, 1998)

O alfabeto utilizado atualmente no português consta de 26 símbolos, de origem latina.

4 – ESCRITA BRAILLE

Inventado por Louis Braille, francês que perdeu a visão aos três anos de idade, o sistema de escrito Braille é composto por 6 pontos, que são agrupados em duas filas verticais com três pontos em cada fila. A combinação desses pontos forma 63 caracteres que simbolizam as letras do alfabeto convencional e suas variações com os acentos, a pontuação, os números, os símbolos matemáticos e químicos e até as notas musicais. (BAPTISTA, 2000, p. 2-7).

Braille se baseou no sistema de mensagens codificadas, de uso militar, inventado por Carlos Barbier, que usava o tato como forma de leitura. (BAPTISTA, 2000, p. 3-4).

O sistema Braille foi, durante muitos anos, a única alternativa tecnológica para comunicação escrita de pessoas cegas. Apesar de todas as suas inúmeras vantagens, o método apresenta um problema principal: estabelece uma barreira na comunicação entre as pessoas cegas e as que enxergam, pois estas não têm, quase nunca, conhecimento da escrita Braille.

Alguns fatos que não deveriam ocorrer nunca, são absolutamente comuns no que tange a essa barreira de comunicação. Um caso muito comum é o de uma pessoa cega plenamente alfabetizada em Braille, cujos familiares mais próximos (a mãe, por exemplo), não conhecem nem desejam conhecer o Braille, estabelecendo, desta forma, a impossibilidade de comunicação escrita.

A consequência imediata disto foi, durante muitos anos, o isolamento cultural do cego, que era obrigado a limitar-se à comunicação verbal, muito pouco confiável no que tange a precisão, conteúdo e durabilidade. Esses fatos são conhecidos e vivenciados há muitos anos, e para tentar suplantiar essas limitações foram criadas diversas metodologias que permitissem a escrita em tinta pelo

deficiente visual, todas com alto índice de insucesso, e exigindo um grande esforço do educador.

A tecnologia veio diminuir drasticamente o problema de interação cultural entre pessoas que enxergam e cegos. Três artefatos tecnológicos tiveram especial importância na quebra dessas barreiras:

- a) a máquina de escrever: na qual um cego datilografa um texto, sem grande dificuldade, e este texto pode ser perfeitamente lido por qualquer pessoa.
- b) o gravador portátil: este aparelho permite o registro perene de textos falados. A fita, de custo muito baixo, pode ser também transportada ou enviada pelo correio.
- c) o computador: utilizando as duas técnicas mais comuns, a síntese de fala ou o painel de células Braille, o deficiente visual pode produzir textos com total confiabilidade. Os textos podem ser impressos em tinta ou em Braille.

Textos escritos à máquina ou impressos podem ser transcritos para o computador através de um aparelho denominado scanner e programas de reconhecimento ótico de caracteres (OCR).

Todos esses elementos têm custo relativamente baixo e a tendência é que até os cegos com um poder aquisitivo relativamente pequeno tenham ou venham ter acesso, mais cedo ou mais tarde, a essas três tecnologias.

A Tecnologia de Informação e de Comunicação (TIC) é utilizada como Tecnologia Assistiva, conceito que designa toda e qualquer ferramenta ou recurso utilizado com a finalidade de proporcionar uma maior independência e autonomia a pessoa portadora de deficiência (DAMASCENO e GALVÃO, 2000, p. 2).

Por exemplo, quase todas as escolas em que há alunos deficientes visuais, já têm hoje esses três elementos disponíveis para seus alunos. Com essas tecnologias, um cego consegue escrever e ser lido pelas pessoas que enxergam e, desde que se respeitem certas limitações tecnológicas (tais como a necessidade de o texto ser datilografado ou impresso), ler também o que estas escrevem.

6 – ESCRITA DIGITAL

A internet e seus recursos tecnológicos provocaram uma espécie de renascimento: nunca se usou tanto a escrita quanto nesses tempos.

A internet está explodindo na educação. Universidades e escolas correm para tomarem-se visíveis, para não ficar para trás. Uns colocam páginas padronizadas, previsíveis, em que mostram a sua filosofia, as atividades administrativas e pedagógicas. Outros criam páginas atraentes, com projetos inovadores e múltiplas conexões.

A educação presencial pode modificar-se significativamente com as redes eletrônicas. As paredes das escolas e das universidades se abrem, as pessoas se intercomunicam, trocam informações, dados, pesquisas. A educação continuada é otimizada pela possibilidade de integração de várias mídias, acessando-as tanto em tempo real como assincronamente, isto é, no horário favorável a cada indivíduo, e também pela facilidade de pôr em contato educadores e educandos.

O virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitudo da presença física imediata." (LÉVY, 1996, p.12)

Na internet, encontram-se vários tipos de aplicações educacionais: de divulgação, de pesquisa, de apoio ao ensino e de comunicação. A divulgação pode ser institucional – a escola mostra o que faz – ou particular – grupos, professores ou alunos criam suas *home pages* pessoais, com o que produzem de mais significativo.

A pesquisa pode ser feita individualmente ou em grupo, ao vivo – durante a aula – ou fora da aula, pode ser uma atividade obrigatória ou livre. Nas atividades de apoio ao ensino, podem-se conseguir textos, imagens, sons do tema específico do programa, utilizando-os como um elemento a mais, junto com livros, revistas e vídeos.

A comunicação ocorre entre professores e alunos, entre professores e professores, entre alunos e outros colegas da mesma ou de outras cidades e países.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 03 Páginas 24-40
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A Comunicação se dá com pessoas conhecidas e desconhecidas, próximas e distantes, interagindo esporádica ou sistematicamente.

As redes atraem os estudantes. Eles gostam de navegar, de descobrir endereços novos, de divulgar suas descobertas, de comunicar-se com outros colegas. Mas também podem perder-se entre tantas conexões possíveis, tendo dificuldade em escolher o que é significativo, em fazer relações, em questionar afirmações problemáticas. Cabe ao professor orientá-lo.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem pré-histórico buscou comunicar-se tanto quanto buscou comida para a sobrevivência. Isso evidencia que o ser humano necessita relacionar-se com o outro e com o mundo que o rodeia. E essa relação só é possível através da linguagem. E, no contexto atual, a linguagem escrita é de suma importância.

Sabe-se que quem não conhece a história está condenado a repeti-la e uma das maneiras de se conhecê-la é através da escrita.

No mundo em que a tecnologia invadiu os diversos segmentos da sociedade e não mais se imagina nenhuma comunidade sem ela, impressa ou digital, o código linguístico tornou-se de relevância evidente.

O indivíduo que não tem acesso a esse código, tanto o verbal, o gestual quanto o midiático, é excluído da comunidade global. Tal exclusão é sem dúvida uma preocupação governamental e, principalmente, pedagógica. Se os educadores são responsáveis pelo estudo das ideias da educação e a ampliação de prática educativa com o objetivo comum, é de vital importância o desenvolvimento de projetos que visem à ampliação e a melhor adequação do sistema educacional para que se atinja um maior número de analfabetos e/ou indivíduos em idade de alfabetização.

Nenhum projeto é pensado caso não haja conhecimentos teóricos que o respaldem, por isso a necessidade de se conhecer a história da escrita e a evolução dela.

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, José A. L. S. *A Invenção do Braille e a sua Importância na Vida dos Cegos*. Lisboa: Comissão de Braille, 2000. Disponível em: <http://sites.google.com/site/rompendobarreiras2/AIVENODOBRAILLEEASUAIMPORTNCIANAVID.doc>. Acesso em 03 de abril de 2010.
- BOWMAN, Alan K. & WOOLF, Greg (orgs.). *Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1998.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 1º e 2º Ciclos*. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- BURKE, Peter. Problemas Causados por Gutenberg: A Explosão da Informação nos Primórdios da Europa Moderna. *Estudos Avançados*, 2002, vol.16, n.44, pp. 173-185. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a10.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2010.
- CAMPOS, Flávio de; MIRANDA, Renan Garcia. *A Escrita da História: Volume Único*. 1ª edição. São Paulo: Escala educacional, 2005.
- DEMO, Pedro. *Sociologia: Uma Introdução Crítica*. Volume 1. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- FACCHINI, Fiorenzo. *O Homem*. São Paulo: Moderna, 1997.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2007.
- LÉVY, Pierre. *O que é Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996.
- LOPES, Luiz Paulo de Moita. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Letramento, Educação e Sociedade, 1996.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. Campinas: UNICAMP, 1993.

SPINELLI Júnior, Jayme. *A Conservação de Acervos Bibliográficos & Documentais*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

VALENTE, José Armando. Informática na Educação no Brasil: Análise e Contextualização Histórica. In: VALENTE, José Armando (org.). *O Computador na Sociedade do Conhecimento*. Campinas: UNICAMP / NIED, 1999, pp. 01-27.

GUTHRIE, Dale R. *The Nature of Paleolithic Art*. Chicago (EUA): The University of Chicago Press, 2005.